

**COMUNISTAS:
DISCURSO MILITAR SOBRE
PACIFISMO E TOXICOMANIA NO
INÍCIO DA DÉCADA DE 70**

DANIEL TREVISAN

Doutorando em História (UFPR)

dts_irati@yahoo.com.br



RESUMO

A ditadura militar brasileira, compreendida entre os anos de 1964 a 1985, foi estudada e analisada de diferentes formas, ganhando destaque principalmente as ações concernentes à luta armada e à resistência de grupos de esquerda nesse período. Este estudo busca analisar o discurso dos militares, mais especificamente de seu Serviço Nacional de Informações (SNI), sobre campanhas pacifistas e a toxicomania do início da década de 70. Para esse serviço de informação e para parcelas da sociedade, tais movimentos faziam parte de um plano comunista para mais facilmente conquistar o mundo ocidental. Tendo como arcabouço metodológico as ferramentas elaboradas pela análise do discurso, buscar-se-á entender o discurso militar sobre esses movimentos, presente em uma publicação de caráter “reservado” do SNI, intitulada Comunismo Internacional.

Palavras-chave: anticomunismo, ditadura, política, ideologia.

ABSTRACT

The Brazilian military dictatorship, between the years 1964 to 1985 was studied and analyzed in various ways, highlighting the actions pertaining mainly to the armed struggle and to resistance from leftist groups during this period. This study analyzes the discourse of the military, specifically its Serviço Nacional de Informações (SNI), and drug addiction on pacifist campaigns of the early seventies. For this information service, and also to parts of society, such movements were part of a communist plot to more easily conquer the Western world. Methodological framework as having the tools developed by discourse analysis, will seek to understand the discourse on these military movements, observed in a publication of character "restricted" of SNI, entitled Comunismo Internacional.

Keywords: anti-communism, dictatorship, politics, ideology.

Daniel Trevisan

1 INTRODUÇÃO

Analisar discursos pode configurar-se em tarefas difíceis. Quando se tratam de discursos históricos, que se deram em um espaço de tempo já recuado, a tarefa pode tornar-se mais complicada. A tentativa de buscar entender o que falaram, as razões do discurso, o que estaria por trás dessas palavras, configura-se não só em uma tentação, mas também em um motivador da pesquisa. Para tal desafio, as teorias inauguradas pela análise do discurso, já no fim da década de 70, tornam-se de grande valia. O grande desafio do historiador de não apenas descrever sua fonte, mas ainda de compreendê-la, de analisá-la, de buscar as razões de sua produção, são auxiliadas em grande medida pela análise do discurso. Auxiliado por essa ferramenta de análise, este estudo busca compreender o discurso militar, em especial aquele proferido pelo Serviço Nacional de Informações (SNI), destinado a oferecer dados para seus pares dentro do governo e das Forças Armadas, sobre o comunismo e os comunistas, seja em um nível nacional ou internacional.

A chegada dos militares ao poder em 1964, motivada pela ideia de que o então Presidente João Goulart, supostamente, estaria ligado aos comunistas e socialistas, causou uma supressão das liberdades e garantias individuais, bem como o aumento da repressão e perseguição a todos aqueles que se colocavam contra o governo. A ascensão dos militares marcou o início de um Estado autoritário, caracterizado pela violência e arbítrio que transformou a violência e a repressão em práticas cotidianas. Pode-se afirmar que essas medidas visavam negar o espaço de atuação da oposição que devia ser suprimida ou mesmo eliminada da cena política. A eliminação desse espaço consiste para o discurso dominante na dificuldade em aceitar a legitimidade da oposição que, no caso brasileiro, estaria ligada aos males do comunismo e da subversão. Danielle Forget (1994, p. 63), ao buscar analisar o discurso militar nesse período destaca que

[...] os projetos formulados positivamente como a busca de um ideal na defesa da nação escondem um ângulo “negativo” que é mais preciso e visa a eliminação de toda forma de oposição ao regime; é assim que a pretendida luta contra a subversão constantemente se assemelha a uma batalha anticomunista.

Dessa forma, era necessário aos militares apresentarem-se como defensores da nação e em constante combate com o comunismo, visto como perigoso e representante do mal.

Relações Internacionais no Mundo Atual, Curitiba, n. 11, p. 35-51, 2010-1.

Entende-se neste trabalho que o discurso militar no período da ditadura caracteriza-se em um discurso autoritário, o qual se baseia em colorações drásticas, além de

[...] terem como característica a arregimentação em torno de uma ação apresentada metaforicamente como uma missão a ser cumprida em prol do bem-estar da nação. A defesa da nação, ou ainda da pátria ou do país, representa o ideal máximo” (FORGET, 1994, p. 35).

Não se lutaria por um interesse individual ou de classe, mas sim uma causa comum. Ao colocarem-se como defensores dos justos valores, da moral, dos bons costumes, os militares viam no discurso comunista, todas as características negativas, associadas a valores imorais, os quais teriam por objetivo destruir a sociedade ocidental. Desta forma, os temas “mal” e “inimigo” tornam-se indispensáveis na determinação do papel representado pelos militares na elaboração das expressões metafóricas de seus discursos. Este inimigo passa a ser designado pelos temas ligados aos campos semânticos religiosos (mal), bélicos (inimigos) ou das doenças (epidemia, câncer). Neste campo semântico de bem e mal, se justapõe o da desordem e da ordem, sendo os grupos opositoristas associados à anarquia e a irracionalidade (FORGET, 1994, p. 35).

O discurso é aqui entendido como uma linguagem em interação, e, para Eni Pulcinelli Orliandi (1983, p. 145),

[...] aquele em que se considera a linguagem em relação às suas condições de produção, ou dito de outra forma, é aquele em que se considera que a relação estabelecida pelos interlocutores, assim como o contexto, é constitutivo de significação. Estabelece-se, assim, pela noção de discurso, o modo de existência social da linguagem: lugar particular entre língua (geral) e fala (individual), o discurso é lugar social.

Ao se colocarem como defensores dos valores morais e da ordem, os militares proferiram uma série de discursos públicos para atestar tal legitimidade e produziram uma infinidade de documentos de circulação interna, nos quais esse discurso autoritário de combate ao inimigo pode ser percebido. Entre os milhares de relatórios e documentos produzidos, um deles foi Comunismo Internacional. Essa publicação, produzida pelo SNI a partir de 1970, era destinada a informar os órgãos do governo sobre a atuação do comunismo em vários países, bem como no Brasil. De periodicidade mensal, essa publicação iniciava-se com algumas frases

Daniel Trevisan

de famosos comunistas, como Che Guevara, Fidel Castro, Mao Tse-Tung, sob o título de “Conheça o inimigo, o que eles dizem, o que eles fazem.” Essas frases buscavam mostrar o caráter perigoso do comunismo e a atenção que se deveria ter com os seguidores deste. Tal publicação estava dividida em “Aspectos Gerais”, em que se encontravam textos de caráter geral do comunismo, sempre buscando demonstrar os males dessa doutrina e os efeitos nefastos para a sociedade. Depois, eram analisadas as potências comunistas, Rússia e China, para depois uma análise por continente e região, desde a atuação do comunismo na Ásia, África, Europa Oriental e Ocidental, América do Norte, Central e do Sul. Ao longo de toda a publicação, podem ser percebidos dois ideais distintos, mas que se complementam. Primeiro, demonstrar a força desse inimigo e como ele se espalhava por todo o mundo de uma forma silenciosa, como em artigos intitulados “A aproximação da ‘Al Fatah’ à China Comunista”, “A subversão e o terrorismo: desmoralização da polícia e do cidadão”, “O interesse da URSS pela América Latina”. Segundo, mesmo dotando esse inimigo de força, os militares o associavam a práticas imorais, como a pornografia, a produção e o incentivo ao consumo de drogas, o apoio ao sexo e ao amor livre. Para os militares essas táticas visavam destruir as estruturas do mundo ocidental, facilitando sua conquista pelos comunistas.

Entre os vários textos produzidos em Comunismo Internacional, optou-se para este trabalho em analisar dois textos específicos, um intitulado “Comunismo e toxicomania”, de junho de 1970, e outro “Campanha anti-guerra”, de setembro de 1970. O primeiro texto fazia referência à tentativa de os comunistas tentarem denegrir a juventude, incentivando a produção e o consumo de drogas pelo mundo ocidental. Para a comunidade de informações:

Uma das armas mais sutis e sinistras do comunismo consiste em sua persistente atividade de corromper os costumes para debilitar o mundo democrático.

A maior parte da produção de ópio e de seus derivados é originária da China, e através de inúmeros canais clandestinos esparrama-se pelo mundo, produzindo lucros fabulosos e causando a desgregação das sociedades não comunistas.

Um mundo dissoluto, entregue a drogas estupefacientes e alucinantes, não possui energia e integridade moral, indispensáveis para enfrentar a ameaça comunista.³

³ COMUNISMO INTERNACIONAL, n. 9, p. 1.4, set. 1970. Pasta 306. Topografia 33. Arquivo Público do Paraná.

O texto fazia referência às resoluções secretas da 1ª Conferência Tricontinental, realizada em Havana, em 1966, e uma delas afirmava que era necessário:

Apoiar resolutamente a campanha a favor das drogas, baseando-a no princípio do respeito aos direitos individuais. Manter completamente separados os quadros do partido dos canais de tráfico de narcóticos, de maneira que essa fonte de receita não possa ser vinculada a ação revolucionária; entretanto, devemos combinar a insuflação do medo à guerra atômica, com o pacifismo e com a desmoralização da juventude através do estímulo ao uso dos alucinógenos.⁴

Dessa forma, os militares associavam diretamente o consumo de drogas no mundo como uma campanha desenvolvida pelos comunistas. Essa ideia estaria ancorada na edição de junho da mesma publicação, em que era feita uma referência a “Campanha anti guerra” desenvolvida por pacifistas. Tal campanha, no entender dos militares, nada mais era do que uma tentativa de enfraquecer o mundo ocidental, deixando-o sem defesas. Segundo os militares:

Jornais e revistas deveriam se opor a toda e qualquer campanha desenvolvida pelos comunistas, diretamente ou através de suas ‘frentes’, como inocentes úteis, infiltrados” ou mesmo atraídos pelo dinheiro que lhes é oferecido, atuam eficientemente (para os comunistas) na Campanha Anti-Guerra, nova denominação da surrada “Campanha Pró-Paz” desencadeada pela URSS, logo após a 2ª Grande Guerra.

A imprensa publica artigos dessa espécie e se omite completamente de dizer que é imperioso para o mundo ocidental que seja executada e desenvolvida a política de contenção “do monstro comunista, impedindo sua escalada”.

Não dizem e repetem o que, desde há muito tempo é sabido, que os comunistas, com suas “Campanhas Pró-Paz” e “Campanha Anti-Guerra”, desejam desarmar material e espiritualmente o mundo ocidental para facilmente dominá-lo.⁵

⁴ Ibid., p. 1.4.

Daniel Trevisan

Com base na leitura dessas fontes, pode-se perceber, segundo a visão dos militares, uma tentativa dos comunistas de subverter a ordem e os justos valores do mundo ocidental. Cabe agora indagar quais as condições de produção desses discursos e em quais formas discursivas eles se inserem, a quem eles eram destinados e qual a razão de sua produção.

As campanhas de combate ao comunismo não eram uma novidade no meio militar na década de 70. A perseguição aos comunistas já ocorria desde a década de 30, em especial, a partir da Intentona Comunista de 1935. Dessa forma, o comunismo sempre foi visto como algo perigoso, devendo ser duramente combatido, pois representava um mal para a sociedade.

Não se pode pensar o discurso contido nas publicações de 1970 como algo isolado, ou fora de contexto, mas como um discurso fortemente marcado por uma instituição, a qual restringe fortemente a enunciação (MAINGUENEAU, 1989, p. 13). Para tanto, cabe questionar de que forma esse discurso se forma ao longo do tempo, não se caracterizando em algo novo, porém em algo que se repete, ou mesmo de um discurso que cita outros discursos. A associação dos comunistas ao mal, estaria então em uma formação discursiva, que Michel Foucault (1986, p. 136) entende por

[...] um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram em uma época dada, e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística, dada, as condições de exercício da função enunciativa.

Não se pode, dessa forma, pensar nos textos sobre as drogas e as campanhas pacifistas, que os associam diretamente aos comunistas, como isolados de seu tempo. Nesse sentido, em *A ordem do discurso*, Foucault nos alerta sobre a questão do autor e sobre a noção de verdade. Nesse sentido, o autor estaria diretamente influenciado por seu tempo e seria fruto deste, produzindo a partir de questões de sua época. Michel Foucault (2005, p. 34) afirma que

⁵ Id., n. 6, p. 1.2, jun. 970. Pasta 305. Topografia 33. Arquivo Público do Paraná.

[...] o indivíduo que começa a escrever um texto, no horizonte do qual gira uma obra possível, retoma à sua conta a função do autor: o que escreve e o que não escreve, o que desenha, mesmo a título de rascunho provisório, como esboço da obra, aquilo que ele deixa e que cai como as palavras do dia a dia, todo esse jogo de diferenças é prescrito pela função autor, tal como ele a recebe de sua época, ou tal como, por sua vez, a modifica.

Por outro lado, mesmo que soe como exagero ou como uma falsidade a associação da produção de tóxicos, bem como a campanha antiguerra, com os comunistas, desconsiderando outros atores, não nos compete aqui afirmar que tal discurso se inscreve como falso ou verdadeiro. Tendo o peso e o cerceamento de uma instituição que determina o que é verdadeiro ou falso, que determina aquilo que se inscreve na ordem do discurso, deve-se entender que a associação do comunismo com aspectos negativos estaria dentro do verdadeiro para os militares anticomunistas, os quais se encontravam em posição de comando dentro das Forças Armadas, bem como do governo. Assim, pode-se questionar se seria possível que os militares fizessem elogios à doutrina comunista ou ainda silenciassem sobre a forma dela. Para Foucault, uma proposição não pode ser dita apenas como verdadeira, ela deve estar no verdadeiro e deve obedecer a regras de uma “polícia” discursiva. Existiria assim um princípio que controlaria a produção do discurso, a qual “fixa-lhe limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma reatualização permanente das regras.” (FOUCAULT (2005, p. 37).

Entende-se que, nesse caso, a linguagem seria então inseparável de uma instituição, pois o simples ato da fala, implicaria reconhecimento da habilitação de quem profere o discurso. Assim, o texto contido em uma publicação oficial de circulação reservada, produzida por um órgão de inteligência, o SNI, adquiria respeitabilidade perante seus leitores. Conferia-se, então, credibilidade ao texto ou à enunciação perante seus leitores, pelo simples fato de ter sido produzido ou proferido por determinado órgão, possuidor de respeitabilidade (MAINGUENEAU, 1989). Os discursos aqui analisados, bem como os demais dessa publicação e outros relatórios produzidos pelo SNI, devem ser entendidos com base em uma topografia social preexistente sobre seus pronunciadores. Dominique Maingueneau (1989, p. 32), ao analisar a questão dos “lugares”, afirma que

[...] um conceito de “lugar cuja especificidade repousa sobre esse

Daniel Trevisan

traço essencial segundo o qual cada um alcança sua identidade a partir e no interior de um sistema de lugares que o ultrapassa". Este primado do sistema de lugares é crucial a partir do momento em que raciocinamos em termos de formações discursivas; trata-se então, segundo o preceito de M. Foucault, de "determinar qual é a posição do sujeito". Isso equivale a dizer que a teoria do discurso não é uma teoria do sujeito antes que este enuncie, mas uma teoria da instância de enunciação que é ao mesmo tempo e intrinsecamente, um efeito de enunciado.

Dessa forma, podem ser estabelecidos alguns termos utilizados pela discursiva, entendida como aquilo que se manifesta em um universo de sentido, no qual uma formação discursiva constrói sua enunciação. Esses termos utilizados pela dêixis discursiva são o locutor e destinatário discursivos, a cronografia e a topografia (MAINGUENEAU, 1989). Entende-se que o locutor seria o órgão de inteligência do governo, o SNI; o destinatário discursivo seria o militar que necessitava obter informações sobre o comunismo e o modo de agir dos comunistas, seus hábitos, preferências e seus planos de subversão da ordem; a cronografia seria o estado de perigo que a sociedade ocidental estaria vivenciando na década de 70; por fim, a topografia seria o mundo ocidental, em especial o Brasil. Mesmo se configurando em um texto escrito, esses elementos podem ser observados ao longo de toda a publicação. A ideia de um "perigo vermelho", que vinha do leste com o intuito de instalar o comunismo no mundo todo, solapando os valores ocidentais, vistos como justos e verdadeiros, deveria ser contido, tendo na publicação uma das formas de se conhecer verdadeiramente esse inimigo. Ao afirmar que "uma das armas mais sutis e sinistras do comunismo consiste em sua persistente atividade de corromper os costumes para debilitar o mundo democrático", ou que

[...] não dizem e repetem o que, desde há muito tempo é sabido, que os comunistas com suas 'Campanhas Pró-Paz' e 'Campanha Anti-Guerra' desejam desarmar material e espiritualmente o mundo ocidental para facilmente dominá-lo.⁶

Esses militares buscavam causar um certo temor nos leitores ou, ainda, acreditando realmente nessas informações, buscavam informar seus pares e seus subordinados sobre a necessidade de medidas em defesa da sociedade ocidental. Nesse sentido, a maneira como o texto é proferido, com palavras como “sinistras”, “debilitar”, “desarmar”, “dominar”, busca conferir uma potência ao texto, ou mesmo um impacto maior. O *ethos* discursivo, ou seja a voz que está presente nesses textos ganha importância. Não se pode pensar apenas no que é dito, mas no tom em que é proferido o discurso, ou em outras palavras “o que é dito e o tom com que é dito são igualmente importantes e inseparáveis” (MAINGUENEAU, 1989, p. 46). Pode-se questionar a presença de uma voz em algo apenas escrito, mas

[...] os corpos escritos não constituem uma oralidade enfraquecida, mas algo dotado de uma “voz”. Embora o texto seja escrito, ele é sustentado por uma voz específica: “a oralidade não é o falado”, como lembra H. Meschonnic, que preconiza “a integração do discurso ao corpo e à voz, bem como a do corpo e da voz ao discurso” (MAINGUENEAU, 1989, p. 46).

Esse tom pode ser entendido como a maneira em que o discurso é proferido, ou seja, no caso, a maneira em que o texto é construído, buscando informar seus leitores, mas ao mesmo tempo assustá-los com algo que pode ser realmente perigoso, em outras palavras, fazer crer no leitor que o comunismo estaria batendo em sua porta brevemente, retirando-lhe posse de sua casa, se nada fosse feito.

Assim, pode-se entender que a tipologia dos discursos em questão se referem a um discurso autoritário, no qual a reversibilidade tende a zero, com um agente exclusivo e uma polissemia contida. Ao trabalhar com conceitos como interação entre enunciador e enunciatário, e polissemia, ou seja, os vários efeitos de sentido de um discurso, deve-se buscar sua relação com essa forma autoritária. Da interação, segundo Eni Pulcinelli Orlandi (1983, p. 146), resultaria o

[...] critério que leva em conta o modo como os interlocutores se consideram: o locutor leva em conta seu interlocutor de acordo

⁶ Comunismo Internacional. Nº 06, junho de 1970. p. 1.2. Pasta nº 305. Topografia 33.

Daniel Trevisan

com uma certa perspectiva, não o leva em conta, ou a relação entre interlocutores é qualquer uma. Ainda sob esse aspecto, entra o critério de reversibilidade que, afinal, é o que determina a dinâmica da interlocução: segundo o grau de reversibilidade haverá uma maior ou menor troca de papéis entre locutor e ouvinte, no discurso. O outro critério tem a ver com a relação dos interlocutores com o objeto do discurso: o objeto do discurso é mantido como tal e os interlocutores se expõem a ele; ou está encoberto pelo dizer e o falante domina; ou se constitui na disputa entre os interlocutores que o procuram dominar. Desse mecanismo, ou seja, dessa forma de relação com o objeto do discurso é que podemos derivar o critério de polissemia. Desse mecanismo, ou seja, dessa forma de relação com o objeto do discurso é que podemos derivar o critério de polissemia.

Nesse discurso autoritário não cabe uma contestação ou a possibilidade de um questionamento, pois aqueles que o proferem são os reais detentores da verdade. Em Comunismo Internacional, não caberia um questionamento sobre tais informações, nem tampouco a contestação, pois os dados eram tidos ou estavam dentro do verdadeiro.

Não se pode pensar, por certo, nesses discursos de uma forma isolada, ou melhor, que eles estão encerrados em si mesmos, mas os discursos são tocados também por outros discursos. Aquilo que denominamos intertextualidade e interdiscurso é o discurso sendo cruzado por outras formações discursivas e as relações que mantém com elas. Assim, uma formação discursiva deve ser entendida como dois ou mais discursos em um só, estabelecendo a contradição como seu princípio constitutivo. Pode-se afirmar que uma FD (formação discursiva) é uma unidade dividida e heterogênea. Seu contorno é fundamentalmente instável, pois não há limites rígidos a separar os elementos internos de seu saber daqueles que lhe são exteriores. O domínio de saber de uma FD funciona como um princípio de exclusão do que nela é formulável, função da FI (função ideológica) de que provém (INDURSKY, 1997).

O discurso militar anticomunista é permeado de outros discursos, como o anticomunismo religioso, que associava o comunismo ao mal e a comportamentos demoníacos e imorais, e pelo discurso anticomunista capitalista, que entendia o comunismo como aquele que buscava eliminar os princípios básicos do capitalismo, como a propriedade privada, a livre iniciativa, a exploração dos trabalhadores. Além dessas diferentes formas de anticomunismos, pode-se destacar que o discurso militar em questão

é permeado pelas mudanças culturais ocorridas a partir da década de 70 e que assombravam os defensores da moral e dos bons costumes. A libertação cada vez maior das mulheres, o crescimento do consumo de drogas, bem como o surgimento de novas substâncias alucinantes e entorpecentes, novos ritmos musicais – o tropicalismo no Brasil e sua apropriação da guitarra. Enfim, uma crescente mudança no comportamento da juventude, que, em certa medida, preocupava não só os detentores do poder, mas também os setores mais conservadores da sociedade.

Entendendo que o discurso encontrado em *Comunismo Internacional* era produzido dentro do governo e destinado a seus pares ou às pessoas que comungavam os mesmos ideais e visões sobre o comunismo, podendo ser denominado “outro”, pode-se analisar essa produção como um testemunho que fala em nome de um determinado grupo político, com uma posição ideológica definida. Por isso, deve ser analisado como uma linguagem política, pois coloca “necessariamente em destaque uma tomada de posição escolhida entre tantas outras, ou ainda pode estar em confrontação direta com uma posição adversa” (FORGET, 1994, p. 15). Não se pode compreender um discurso em separado do aspecto ideológico, existindo assim uma forte relação entre ideologia e linguagem. Para José Luiz Fiorin (2000, p. 7), deve-se

[...] verificar qual é o lugar das determinações ideológicas neste complexo fenômeno que é a linguagem, analisar como a linguagem veicula a ideologia, mostrar o que é ideologizado na linguagem.

De acordo com Fiorin (2000), o discurso é a materialização das formações ideológicas, estando ligado e sendo determinado por elas. Um discurso remeteria sempre a outros discursos, pois acaba por citar outros, em que se pode perceber uma repetição dos mesmos percursos temáticos e figurativos. Entende-se que um discurso estaria, então, baseado e amparado em outros, o que não quer dizer apenas aceitação, mas também rejeição ou ainda a repetição em um tom irônico.

O período da ditadura militar brasileira foi marcado dessa forma, por um acirramento e por um embate no campo político, o qual é assinalado por uma disputa constante entre os detentores da verdade, os quais estavam influenciados por valores ideológicos e por aquilo que se pode

Daniel Trevisan

denominar paixão política. Segundo Pierre Ansart (1978. p. 10), esses valores estão intimamente ligados aos conflitos sociais, tornando-se pertinente

[...] analisar de que modo a violência simbólica pode transpor um conflito social e contribuir para a sua conformação, de que modo pode mobilizar as energias e participar diretamente nodesenvolvimento dos confrontos, de que modo intervém para interiorizar o conflito através dos diferentes agentes sociais.

As ideologias teriam o papel de legitimar determinadas atitudes de quem detém o poder e também o de mostrar as razões dessa autoridade. Em contrapartida, se produz um discurso que torna o inimigo ilegítimo. Entendendo a produção de um discurso no meio social, marcada pelo embate entre setores antagônicos, pode-se afirmar que essa disputa ideológica está inserida em um campo que seria o ponto de convergência entre esses agentes rivais, pois

[...] a produção dos bens simbólicos visa, em primeiro lugar, a audiência, a escuta; trata-se de ser ouvido, de estabelecer com o público uma relação pontual, confirmando ou ampliando uma comunicação anterior. Ao mesmo tempo, e sem que tais finalidades sejam decomponíveis, trata-se, para o locutor, de confirmar sua existência, de dar de si uma imagem favorável e do rival uma imagem negativa, de conquistar apoio (Ansart, 1978 p. 80)

Dentro deste contexto de disputa pela verdade e de embates no campo político, se insere *Comunismo* Internacional, que, assim como outros relatórios e informes do governo, também de caráter anticomunista, buscava demonstrar os aspectos negativos do comunismo, desqualificá-lo e deslegitimá-lo perante a sociedade, para, em contrapartida, mostrar a legitimidade daqueles que estavam no poder, expondo assim as razões para o exercício da autoridade em prol dos verdadeiros valores morais e justos. Por certo, infelizmente tal autoridade se transfigurou em autoritarismo, marcado pela violência e repressão contra milhares de pessoas, que foram presas e torturadas por se colocarem contra a ditadura militar, e outras centenas que foram mortas ou encontram-se desaparecidas.

Dessa forma, para Juan Linz (2010, p. 51),

Comunistas: Discurso Militar sobre pacifismo e toxicomania no início ...

[...] a grande pergunta escrita nos muros das prisões, e que não tem resposta fácil. Por quê? Por que o terror tomou as formas que tomou, e como foi possível criar o maquinário para implementá-lo, e por que ninguém foi capaz de impedir?

Questão de difícil resposta, mas talvez o conhecimento e a análise sobre o discurso militar possam ajudar a responder.

Daniel Trevisan

REFERÊNCIAS

ANSART, Pierre. **Ideologias, conflitos e poder**. Tradução de Aurea Weissemberg. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada a 2 de dezembro de 1970. 12.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

_____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

FORGET, Danielle. **Consquistas e resistências do poder: a emergência do discurso democrático no Brasil (1964-1984)**. Tradução de Lucimar de Oliveira. São Paulo: Ed. da USP, 1994.

INDURSKY, Freda. **A fala dos quartéis e outras vozes**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997.

LINZ, Juan. Totalitarian and authoritarian regimes. Apud PEREIRA, Anthony W. **Ditadura e repressão: o autoritarismo e estado de direito no Brasil, no Chile e na Argentina**. Tradução de Patrícia de Queiroz Carvalho Zimbres. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes, 1989.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas de discurso**. São Paulo: Brasiliense, 1983.